Universidade Federal de São Paulo

CAMPUS BAIXADA SANTISTA

Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde – CEDESS Instituto Saúde e Sociedade - Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde Mestrado Profissional

Breno Ayres Chaves Rodrigues

Etnografias de infâncias calungas: Um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico em São Vicente/SP.

Produto técnico: Livro Infantil “A ‘quebrada’ Encantada”

Santos, 2019

BRENO AYRES CHAVES RODRIGUES

Etnografias de infâncias calungas: Um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico em São Vicente/SP.

Produto técnico: Livro Infantil “A ‘quebrada’ Encantada”

Produto técnico apresentado no Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista – como parte dos requisitos avaliativos para obtenção do título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Leme de Oliveira Borba.

Santos, 2019

Introdução e Justificativa

A partir da pesquisa, “Etnografias de infâncias Calungas: Um estudo sobre o cotidiano de crianças de um bairro periférico de São Vicente/SP”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), desenvolvemos o projeto de um “produto técnico”, sendo este um dos requisitos avaliativos para obtenção do título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

A pesquisa em questão foi um acompanhamento etnográfico de quatro crianças entre 8 e 12 anos residentes do bairro Vila Margarida, em São Vicente/SP com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre suas vidas. Nesse trabalho buscou-se fazer a pesquisa “com” as crianças, e não “sobre” as crianças, sendo estas as melhores porta-vozes para expressarem sobre o que é ser criança naquele bairro.

Nesse itinerário de pesquisa, percebeu-se, entre outras coisas, que as crianças brincavam pelas ruas do bairro em aventuras chamadas de “missões”. Nessas brincadeiras grupais, as crianças iam combinando os objetivos de suas aventuras e as etapas necessárias para realizá-las. Esse “jogo simbólico” possibilitava a construção de diferentes sentidos em relação ao lugar que moravam e em relação a suas vidas, produzindo um “imaginário coletivo” que permitia reinventava o lugar que moravam, reinventava a cidade, inclusive resistindo à algumas violências e faltas estruturais encontradas nesse mesmo lugar (SARMENTO, 2002).

Escalavam paredes e andaimes, circulavam de um extremo do bairro a outro, andavam nos muros, por cima das casas, enfrentavam enchentes, cachorros, desbravavam casas e carros abandonados. Nas missões que estive presente e nas que as crianças me contaram, quase sempre haviam árvores frutíferas pelo caminho ou como objetivo final de chegada, sendo os frutos as recompensas pelos desafios enfrentados no percurso ou senão, simplesmente parte do percurso.

Esse “vislumbramento” etnográfico (STRATHERN, 2014) foi um dos pontos altos dos “achados” da pesquisa, pois, percebeu-se que as crianças “transgrediam” os espaços do bairro adaptando-os, pelas suas imaginações, a “espaços praticáveis” para seus desejos. Algo próprio das “culturas infantis”, muitas vezes sendo resistência frente a situações de guerra e outras violências (Sarmento, 2002). Brincando com as “missões”, as crianças inventavam “táticas” (CERTEAU,1998) de tornar a cidade mais possível para elas. Criavam outra cidade.

De modo a reforçar esse achado da pesquisa, o “produto técnico” será um livro infantil em que quatro crianças vivem uma “missão” por um bairro periférico que chamam de “quebrada”. De modo que o bairro passa do concreto para tornar-se um “lugar encantado” (relação de como a criança constrói o real e imaginário em um mesmo instante, em uma mesma temporalidade).

A justificativa da criação de um livro infantil é construir um “produto” possível de ser manuseado tanto por crianças, principalmente as já em processo de alfabetização, quanto adultos, e que retrate parte importante da vida das crianças pesquisadas com o lugar que vivem.

Apesar do livro não ter sido escrito e organizado pelas crianças, toda a história é inspirada na vida das quatro crianças pesquisadas, sendo estas, autoras também desse trabalho. Com isso seria possível criar um produto feito de crianças para crianças, mostrando a diversidade de modos de brincar e “praticar” os espaços da cidade como “a quebrada” que as quatro crianças vivem.

Objetivos

Retratar, num material possível de ser manuseado por crianças, como as crianças pesquisadas, com seus jogos simbólicos e criatividades brincantes, buscam “transgredir” as leis e organizações adultocêntricas da cidade, inclusive com suas mazelas sociais, aos seus desejos infantis.

Público Alvo

Crianças em processo de alfabetização ou alfabetizadas (acima de 8 anos), e educadores e pais em busca de conhecer outras realidades e universos infantis.

Método e Operacionalização

O primeiro passo é entregar a história do livro para as crianças pesquisadas para que estas avaliem esse material. Com suas sugestões e aprovações, seguiremos para o próximo passo.

O passo seguinte é buscar viabilizar o produto técnico em parcerias com agências de ilustração e gráficas buscando uma tiragem mínima. A ideia é conseguir desenvolver o produto como “e-book” e como produto físico para distribuição em pequena escala.

Com o produto pronto, o terceiro passo é buscar realizar o lançamento do livro no "Instituto Camará Calunga", ONG que as crianças coautoras participam e que muitas vezes é citada na pesquisa em questão. Essa escolha é feita por já conhecer os trabalhadores e coordenação do serviço e também pela ONG possuir uma relação de parceria de trabalho com instituições públicas e privadas que atuam com crianças na cidade de São Vicente/SP. Assim, a articulação para que o evento aconteça com o "público-alvo" desse projeto do produto técnico pode ser facilitado.

Nesse evento de lançamento, que será construído junto com a instituição, a proposta é de promover uma distribuição gratuita do livro, apresentar a pesquisa que origina o livro, e, por fim, realizar uma leitura pública do mesmo. O público esperado é de crianças, adolescentes, familiares e trabalhadores dos serviços públicos/privados convidados, construindo um número possível de participantes diante das possibilidades físicas da ONG ou de outro local que consigamos articular para que o evento aconteça.

Para viabilizar a proposta do evento e conseguir ampliar o seu alcance, tentaremos em conjunto com ONG, uma parceria com o Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (CMDCA) de São Vicente/SP e com a Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista.

Para o momento da leitura do livro no evento de lançamento, a proposta é de que as crianças pesquisadas e coautoras do livro estejam presentes e, caso sintam-se à vontade, possam realizar a leitura do livro.

Apêndice: História do livro.

Título: A "Quebrada" Encantada

Ayo, Bina, Zamba e Zaki são amigos. Tem em comum serem crianças calungas. Calungas porque nasceram em São Vicente/SP. Uma cidade do litoral de São Paulo.

Quem nasce ali é chamado de "calunga" porque seus "tátátáravós" foram escravos que vieram da África, atravessaram o mar, ou o "Calunga Grande", e chegaram nas terras litorâneas do Brasil, como São Vicente. Esses escravos chamavam essas terras de "Calunga Pequeno". Quem

nascia no “calunga pequeno” era calunga e continua sendo até hoje. Naquela época vinham até essas terras obrigados por homens brancos maus. Não escolhiam ser calungas.

Nessa cidade calunga, os quatro moravam num bairro chamado “Vila Margarida”. Margarida era o nome da mulher do moço que foi o primeiro “dono” daquelas terras. Por isso esse nome. Mas, primeiro dono mesmo, já não sei! Alguns professores diziam na escola que os primeiros donos dali eram os índios.

Ayo, Bina, Zamba e Zaki chamavam a “Vila Margarida” de “quebrada”. Era o jeito que os adultos que moravam ali chamavam o bairro. Podia ser “favela” também.

A “quebrada”, às vezes, era um lugar difícil para Ayo, Bina, Zamba e Zaki. Lá não havia muitos lugares “pensados” pra eles brincarem e havia muito lixo no chão. Quando chovia era pior ainda, pois tinham que ficar apertados dentro de suas casas ou barracos em cima da maré com medo que a chuva os derrubasse. Fora os alagamentos das ruas que deixavam tudo chato. Que barra!

Mesmo assim, o lugar que mais brincavam era na rua. Quando se encontravam nas ruas para brincar, algo de “outro mundo” acontecia. A “quebrada” virava outro lugar. Eles se tornavam heróis e heroínas e tinham que enfrentar os desafios das “missões” que recebiam das suas imaginações. Quanto mais difícil a aventura, melhor! Os adultos, às vezes, ficavam doidos com os perigos que as crianças enfrentavam! Eles adoravam os desafiar.

Para Zamba e Zaki as missões aconteciam quase todo dia. Eram meninos e podiam circular com mais liberdade pelo bairro. Para Ayo e Bina já era complicado. Participavam das “missões” mais aos finais de semana, quando seus pais e os vizinhos conhecidos estavam em casa e também circulavam pelas ruas do bairro. Dava a impressão que era mais seguro.

Nessas “missões” pelo bairro, escalavam muros, se equilibravam em cima deles, passavam de uma casa para outra, enfrentavam cachorros de guarda, iam até casas e carros abandonados... Buscavam resolver qualquer desafio que aparecesse. Nunca sabiam quais seriam os desafios, eles iam aparecendo no caminho. Escolhia o que fazer “na hora”.

OS “pés” de fruta que tinham pelo bairro mostravam as rotas dessas “missões”. Eles tinham que passar pelos “pés” para comerem os frutos como recompensa dos desafios resolvidos. Ou, às vezes, pegar um fruto do “pé” já era a “missão” inteira.

A cada novo dia de “missões” a “quebrada” mudava. Era um jeito da “quebrada” ser mais a “cara” desse grupo de amigos. Não que eles não usassem as ruas de seu bairro como os adultos, mas também usavam brincando. Esse era o jeito que mais gostavam. Assim, ocupavam a cidade do “jeitinho” que queriam. Elas também têm direito, não é mesmo?!

Quanto mais coisas conheciam na escola, em casa, na TV, nos livros, em outros lugares, mais diferente ficava a “quebrada”. Afinal, tudo isso entrava na cabeça das quatro crianças e a imaginação ficava mais “danada”. Nesses momentos a “Quebrada” era encantada.

Bibliografia

CERTEAU, M. de. **A Invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

SARMENTO, M. Imaginário e culturas da infância. Texto produzido no âmbito das atividades do Projeto “As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância”, Projeto POCTI/CED/2002. Disponível em < http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf> Acessado em 18.03.2019.

STRATHERN, M. ***O efeito etnográfico e outros ensaios***. São Paulo: Cosac Naify, 2014.